

# A ARTE COMO TÉCNICA SOCIAL PARA A HUMANIZAÇÃO: OBJETO CULTURAL MEDIADOR PARA O DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DAS FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES (SENTIMENTO E EMOÇÃO)

ART AS A SOCIAL TECHNIQUE FOR HUMANIZATION: A CULTURAL MEDIATOR OBJECT FOR  
THE DEVELOPMENT AND TRANSFORMATION OF HIGHER PSYCHIC FUNCTIONS (FEELING  
AND EMOTION)

Camila Mendes<sup>1</sup>  
Cristina Felipe Frison<sup>2</sup>  
Tatiane Superti<sup>3</sup>

MENDES, C.; FRISON, C. F.; SUPERTI, T. A arte como técnica social para a humanização: objeto cultural mediador para o desenvolvimento e transformação das funções psíquicas superiores (sentimento e emoção). **Akrópolis** Umuarama, v. 25, n. 2, p. 139-151, jul./dez. 2017.

DOI: 10.25110/akropolis.v25i2.6415

<sup>1</sup>Discente do curso de Psicologia pela Universidade Paranaense – campus Cascavel. Email: camilamendes2110@gmail.com. Endereço: Rua Alfeneiros, 77, Cascavel – PR. CEP: 85807-690.

<sup>2</sup>Discente do curso de Psicologia pela Universidade Paranaense – campus Cascavel. Email: crisfrison@hotmail.com. Endereço: Rua Uruguai, 1251, apto 4, Cascavel – PR. CEP: 85805-010.

<sup>3</sup>Docente do curso de Psicologia na Universidade Paranaense – campus Cascavel. Psicóloga pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008). Especialista em Teoria Histórico Cultural pela Universidade Estadual de Maringá (2012). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (2013). Email: tatianesuperti@prof.unipar.br. Endereço: Rua Fortaleza, 1740, apto 241, Cascavel – PR. CEP: 85810-051.

**RESUMO:** A presente pesquisa resulta de investigação bibliográfica e tem como foco a utilização da arte como uma técnica social, como apresentado por L. S. Vigotski em *Psicologia da Arte* (2001), podendo esta ser um objeto cultural mediador para a reflexão dos sentimentos, o desenvolvimento psíquico e a própria humanização por meio da arte, considerando a compreensão de homem da Psicologia Histórico-Cultural. Conclui-se que, compreendendo a arte como uma produção artística humana, que abrange as relações sociais, a cultura e a historicidade de uma sociedade, que objetiva as características humanas e apreende a relação dialética entre forma e conteúdo, a arte é um instrumento que possibilita a objetivação das funções psicológicas superiores, e serve como um mediador para desenvolver o psiquismo além de ter poderio para entrar em contato diretamente com as emoções e os sentimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte; Funções psicológicas superiores; Psicologia da arte; Psicologia histórico-cultural; Sentimentos; Técnica social; Vigotski.

**ABSTRACT:** This research results from bibliographical research and focuses on the use of art as a social technique, as presented by L. S. Vygotsky in *Psychology of Art* (2001). This technique may be a cultural object that can mediate the reflexing of the feelings, the psychic development, and the humanization through art. This would considerate the human comprehension of the Historical-Cultural Psychology. In conclusion, comprehending art as a human artistic production that encompasses social relations, culture, and history of a society, and aims at human characteristics seizing the dialectical relationship between form and content; the art is a tool that enables objectification of the higher psychological functions, and works as a mediator to develop the psyche. Besides, it has the ability to contact emotions and feeling directly.

**KEYWORDS:** Art; Feelings; Higher psychological functions; Historical-cultural psychology; Psychology of art; Social technique; Vygotsky.

Recebido em novembro de 2017.  
Aceito em dezembro de 2017.

## DAS RAÍZES DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO À PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Na tentativa de explicar o homem construíram-se várias teorias que problematizavam a relação do homem com a natureza e a relação entre ideia e matéria. Sendo que o Idealismo, o Materialismo Mecanicista e o Materialismo Histórico-Dialético foram as principais tendências filosóficas. A primeira, uma concepção idealista, considerava que a ideia antecede a matéria, ou seja “o pressuposto do idealismo é o reconhecimento do papel ativo, decisivo, das ideias e da consciência humana na história” (LESSA; TONET, 2008, p. 40), não excluindo a matéria, mas compreende que a relação entre homem e natureza é manifestada através da consciência constituída por meio do movimento das ideias. Já o materialismo mecanicista ignora as ideias e sua influência na construção da história, em que “as leis da sociedade seriam as mesmas leis da natureza [...] imutáveis e universais” (LESSA; TONET, 2008, p. 37), assim, contrapondo-se ao idealismo, pois acredita no movimento da matéria como determinante da relação homem e natureza, bem como a evolução da realidade objetiva. Partindo das duas teorias anteriores, o materialismo histórico-dialético funda-se, então, na tentativa de superar a dicotomia entre ideia e matéria existente nestas, entendendo que tanto a sociedade como o homem são sínteses da relação entre ideia e matéria, e que estas não podem ser efetivadas separadamente (LESSA; TONET, 2008).

Compreendendo as diferenças supracitadas, priorizaremos, então, acerca do materialismo histórico-dialético, o qual apreende o homem como um ser ativo, uma vez que ele modifica a si mesmo e a sociedade por meio do trabalho. Ao contrário do proposto por Hegel (1770-1831), que acreditava num movimento espiritual e na Ideia Absoluta, Marx (1818-1883), propunha um movimento material, sendo que este possibilita não apenas as modificações das formas de trabalho, relações sociais e organização de vida, mas também permite a transformação dos próprios órgãos do sentido. “A formação dos cinco sentidos” - escreveu Marx - “é trabalho de toda a história passada” (KONDER, 2008, p. 51).

É com Marx que se tornou possível, pela primeira vez, entender a humanidade de modo radical: “pelo trabalho, ao transformar a nature-

za, a humanidade cria novas possibilidades e necessidades objetivas. Isso significa que são as novas condições de existência objetivas que determinarão o desenvolvimento da consciência” (LESSA; TONET, 2008, p. 34). É a partir dessa descoberta do trabalho como produto que constitui o ser social que Marx supera o idealismo proposto por Hegel, contudo mantém sua principal descoberta: “a história é um processo feito pelos homens” (LESSA; TONET, 2008, p. 35). Como exemplo cabe aqui ressaltar a luta de classes, pois esta não existe na natureza em si, porém, sem o trabalho como transformador da natureza nas matérias que são indispensáveis à reprodução social, as classes sociais, então, nem poderiam existir (LESSA; TONET, 2008). “Essa dupla articulação e distinção com a natureza, descoberta por Marx, é o que escapava aos idealistas e materialistas e os fazia tentar explicar o ser social da forma como o fizeram” (LESSA; TONET, 2008, p. 35).

[...] o materialismo histórico-dialético é um enfoque teórico, metodológico e analítico para compreender a dinâmica e as grandes transformações da história e das sociedades humanas. Conceitualmente, o termo materialismo diz respeito à condição material da existência humana, o termo histórico parte do entendimento de que a compreensão da existência humana implica na apreensão de seus condicionantes históricos, e o termo dialético tem como pressuposto o movimento da contradição produzida na própria história (GOMIDE, 2014. p. 3).

Frente a isso, o homem constitui-se, então, por meio da transformação da natureza, construindo as leis históricas, as quais conduzem seu desenvolvimento diferente dos seres regidos apenas por leis naturais, assim, “não existem filosofias neutras, ou seja, filosofias que ignorem os dilemas históricos cruciais que a humanidade enfrenta” (LESSA; TONET, 2008, p. 12). A forma como essa ação modificadora da natureza, por meio do trabalho, se constitui tem como consequência, até o momento, a exploração dos homens, e para compreender tal circunstância existem duas respostas radicais que vão de fato até a raiz da questão se pensando em sociedade, sendo elas: *A conservadora* e *a revolucionária*. A primeira defende a ideia de que não é possível superar essa exploração, uma vez que esta é relacionada a essência humana,

imutável. Os homens são seres mesquinhos e individualistas, que são “movidos pelo desejo de acumular propriedades” (LESSA; TONET, 2008, p. 13), ou seja, como dito por algumas correntes, a vida social é uma luta entre os indivíduos. Consideram a proposta de Marx de uma sociedade sem classes como algo utópico, e que o máximo que poderia ser feito “é desenvolver o mercado e a democracia que, para eles, são as melhores e mais civilizadas formas de disputa entre os indivíduos” (LESSA; TONET, 2008, p. 14). A segunda resposta, a revolucionária, afirma que é possível essa superação da exploração do homem, uma vez que os homens são individualistas porque a burguesia os construiu e constituíram assim, e não porque é inato. É preciso então que tal sociedade se “emancipe da exploração e da opressão” (LESSA; TONET, 2008, p. 14), como afirmada por Marx. “Os homens são o que eles se fazem a cada momento histórico. A reprodução da sociedade burguesa produz individualidades essencialmente burguesas” (LESSA; TONET, 2008, p. 14-15), assim, conforme demonstrado por Marx, da mesma forma que a “humanidade se fez burguesa, ela também pode se fazer comunista” (LESSA; TONET, 2008, p. 15). As próprias relações sociais são os empecilhos entre a sociedade burguesa e a comunista.

Toda ação humana tem como base a história da sociedade, e a evolução desta. E uma vez que algo é objetivado, “passa a fazer parte da história dos homens, passa a influenciar e a sofrer influências dessa história” (LESSA; TONET, 2008, p. 24), ou seja, passa a ter uma dimensão social, coletiva. “O objeto construído pelo trabalho do indivíduo possui, portanto, sempre segundo Marx, uma ineliminável dimensão social: ele tem por base a história passada; faz parte da vida da sociedade; faz parte da história dos homens de um modo geral” (LESSA; TONET, 2008, p. 24)

Ao construir, então, um novo objeto, o indivíduo além de transformar a si e a sociedade, adquire também novas habilidades e conhecimentos. Conhecimentos estes que podem ser objetivos e/ou subjetivos. O conhecimento objetivo, ou genérico, trata-se do objeto que influencia e é influenciado pela sociedade, ou seja, adquire uma “dimensão genérica”, fazendo parte da história humana, e podendo ser utilizado em situações distintas da qual se originou. O conhecimento subjetivo, por sua vez, diz respeito aos conhecimentos que são apropriados

individualmente e posteriormente passam a se tornar “patrimônio de toda a sociedade” (LESSA; TONET, 2008, p. 25). Então, em algum tempo esse conhecimento passará a generalizar toda a humanidade. E de um conhecimento singular e imediato, avança-se para um cada vez mais amplo e genérico.

Assim, voltamos a afirmar que toda ação de trabalho apresenta uma dimensão social, pois, além de ser o resultado da história da sociedade, retrata o “desenvolvimento anterior de toda a sociedade” (LESSA; TONET, 2008, p. 25), o objeto construído gera alterações para com toda a sociedade, abrindo novas possibilidades e necessidades que promoverão a um desenvolvimento futuro. Marx, então:

Ao nos oferecer o exaustivo estudo da “produção burguesa”, ele nos legou a base necessária, indispensável, para a teoria social. Se, em inúmeros passos do conjunto da sua obra, Marx foi muito além daquele estudo, fornecendo fundamentais determinações acerca de outras das totalidades constitutivas da sociedade burguesa, o fato é que sua teoria social permanece em construção - e, em todos os esforços exitosos operados nesta construção, o que se constata é a fidelidade à perspectiva metodológica que acabamos de esboçar. É nesta fidelidade, aliás, que reside o que, num estudo célebre, Lukács (1974, p. 15) designou como ortodoxia em matéria de marxismo (PAULO NETTO, 2011, p. 58-59).

O trabalho é o forjador do ser social, uma vez que, por meio da transformação da natureza, gera a base material da sociedade, e a constituição histórica tanto do indivíduo quanto da sociedade tem em tal base material o seu alicerce (LESSA; TONET, 2008). E por meio de um processo de *acumulação constante*, “essa articulada transformação da natureza e dos indivíduos permite a constante construção de novas situações históricas, de novas relações sociais, de novos conhecimentos e habilidades” (LESSA; TONET, 2008, p. 26). É esse processo de acumulação que caracteriza o desenvolvimento do homem como ontológico, diferente da natureza.

Para entender o homem e a sociedade a partir do materialismo histórico dialético é preciso, primeiramente, ressaltar três aspectos básicos desse método, sendo eles: 1) a matéria origina as ideias, 2) movimento/transformação: síntese dos opostos, 3) a raiz da matéria é o pro-

cesso histórico (KONDER, 2008). Ou seja, é necessário transformar as matérias para construir as ideias, a realidade é o movimento, e é por meio da história que construímos nossa subjetividade. Na dialética o que promove o movimento é a contradição, que se refere, em suma, na superação e na conservação. Porém, transformada, dos opostos, assim, é na síntese que está a superação do velho, ao mesmo tempo em que este continua ali. É preciso matéria/condições objetivas para ser possível o desenvolvimento do homem e da sociedade (KONDER, 2008).

A sociedade não é algo natural, ela é construída e modificada pelo homem, e está sempre em constante movimento e transformação. Além disso, ela possui uma base material, sua estrutura e organização material, da qual surge a estrutura social que nos possibilita produzir nossa própria condição de vida, com a força produtiva e o trabalho (KONDER, 2008). Compreende-se a sociedade a partir da sua estrutura social, em como se produz as vidas, analisando qual é o trabalho dessa sociedade, em como se trabalha, e suas relações sociais. É o trabalho, como produção de vida, que determina dialeticamente a cultura dessas sociedades, bem como, é a maneira desigual que se vende e compra a força produtiva que possibilita constituir as classes sociais (KONDER, 2008).

Por sua vez, para entender o homem a partir do materialismo histórico dialético é preciso analisar a relação deste com a sociedade, pois o homem é construído/constituído numa profunda relação social. Não que o homem seja como uma cópia da sociedade, mas este é transformado por ela, trata-se de uma relação dialética, onde o homem é ativo nessa relação, pois transforma a si e a sociedade (KONDER, 2008). Deve-se ainda levar em consideração a objetividade (condições concretas – sociedade) e a subjetividade (psiquismo), os quais são construídos e transformados a partir das relações de trabalho e das relações sociais (KONDER, 2008).

Em suma, pode-se dizer que para entender tanto o homem quanto a sociedade a partir deste método é preciso perceber as condições concretas e subjetivas que a estes pertencem, suas relações de trabalho e sociais, analisando o movimento e transformações que ali ocorrem. Buscando compreender qual é e como é a produção de vida dessa sociedade e em como isso implica para a constituição do homem.

Vygotsky (1896-1934), então, “viu nos

métodos e princípios do materialismo histórico dialético a solução dos paradoxos científicos fundamentais com que se defrontavam seus contemporâneos” (COLE; SCRIBNER, 2000, p. 8). Com a Revolução de 1917 e os problemas sociais da Rússia nesse período deu-se o ponta pé inicial da teoria de Vygotski, quando ele lançou seu olhar indagador acerca das necessidades de tal país, pesquisando respostas para os problemas que enfrentavam os homens dessa época, sendo estes relacionados aos distintos interesses relacionados aos meios de produção e a propriedade privada (TULESKI, 2008).

Foi então após a Revolução de Outubro de 1917 que se destacou a necessidade de buscar uma nova expressão relacionada à arte, uma vez que a arte burguesa expressava apenas valores que precisavam ser superados, ou seja, esta nova arte, então, deveria buscar revelar “o homem contemporâneo”, assim, a proposta desta nova arte surgiu a partir da necessidade de formação de um novo homem. Lênin (1870-1924), Gorki (1868-1936), Korin (1892-1967), dentre outros, acreditavam na superação dessa arte burguesa através do “*realismo socialista*”, este que apresentaria “uma nova possibilidade de existir, uma nova consciência, ou ainda, a consciência. Deveriam ser cultivados novos valores, verdadeiros, posto que direcionados ao germe do coletivo”. O realismo socialista foi a abertura dos anos pós-revolucionários, constituindo a “superação do individualismo burguês, em favor da divulgação de uma vida coletivizada” (BARROCO, 2007, p. 40). Este foi o projeto político da Psicologia Histórico-Cultural, o qual defendia que sem a superação da arte burguesa não haveria um novo homem (BARROCO; SUPERTI, 2014). Sendo assim, conforme explicado por Superti:

Dessa forma, podemos entender a arte, em sua função, como um objeto cultural a favor da humanização, de modo que o psicólogo pode lançar mão dela para promover desenvolvimento psicológico e ampliação da consciência [...] Assim, entendemos que a arte pode tanto apontar quem é o homem atual, como também ser um instrumento para a construção de um novo homem (SUPERTI, 2013, p. 14).

No cenário da Revolução Russa (1917), Vygotski busca desenvolver aparatos teóricos que amparem a Psicologia Histórico-Cultural,

bem como, *a psicologia da arte* (SUPERTI, 2013), e sobre esta afirma que:

Não se pode nem imaginar que papel caberá à arte nessa refusão do homem, quais das forças que existem mas não atuam no nosso organismo ela irá incorporar à formação do novo homem. Só não há dúvida de que, nesse processo, a arte dirá a palavra decisiva e de maior peso. Sem a nova arte não haverá o novo homem (VIGOTSKI, 2001, p. 329).

Para isso, Vygotski em suas obras propõe a superação da “velha psicologia” por uma, como intitulada por ele, “nova psicologia”, que posteriormente efetivou-se como Psicologia Histórico-Cultural, “que fosse capaz de eliminar a dicotomia entre corpo e mente e realizar a síntese”, compreendendo-os assim em relação dialética (TULESKI, 2008, p. 81). Assim, tal superação só seria realizável com uma psicologia que compreendesse o homem e a natureza a partir de uma concepção histórica, a qual entendesse o homem como um ser ativo na relação com a natureza, ou seja, que fosse “produto e produtor de si e da própria natureza” (TULESKI, 2008, p. 91). Psicologia esta que Vygotski denomina de Psicologia Geral, a qual possuiria um princípio explicativo único para tratar-se dos fenômenos humanos, “seria a criação do novo a partir e contra os elementos antigos” (TULESKI, 2008, p. 91), eliminando assim a dicotomia e as explicações reducionistas existentes nas teorias psicológicas de tal período. A psicologia, então, precisa deixar de ser uma ciência pura, desconectada das reais necessidades, e metamorfosear-se em uma ciência que consiga compreender os impasses gerados pela vida em sociedade (TULESKI, 2008).

As demandas da prática social nortearam a construção desta nova psicologia, acoplando teoria e prática e desenvolvendo uma metodologia única, tais fatores impediram que essa nova visão se configurasse de maneira ideológica e separada da realidade, para Vygotski, não se trata de praticidade, mas sim de uma atuação revolucionária e transformadora da vida em sociedade (TULESKI, 2008, p. 94). “A vida necessita da psicologia e de sua prática e a consequência desse contato com a vida é esperar o auge da psicologia” (VYGOTSKI, 1991, p. 359 apud TULESKI, 2008, p. 94).

<sup>2</sup>VIGOTSKI, L. S. Problemas teóricos y metodológicos de la psicología. Madrid: Visor, 1991. (Obras escolhidas, 1).

Para Vygotski, a psicologia marxista não pode e não deve construir-se sobre fragmentos de autores, pois assim não passaria de uma cópia do que a psicologia burguesa vinha fazendo, isto é, amontoando inúmeros fragmentos e citações e eliminando, ideologicamente, as contradições contidas nos autores e, conseqüentemente, sua origem histórica (TULESKI, 2008, p. 102).

Permite-se dizer, então, que a palavra, ao intitular um fato, é capaz, além de apresentar sua filosofia, clarificar sua teoria e sua estrutura (VYGOTSKI, 1991, apud TULESKI, 2008). Partindo disso, Vygotski considera que a transformação de tal contexto não se faz somente nos *nomes*, mas sim nas relações entre as coisas, bem como na maneira em como tais relações se explicam e no que estas contém (TULESKI, 2008).

Pode-se entender a sua preocupação com a origem social da linguagem, no sentido de fazer chegar ao outro uma mensagem, um significado. Se este significado se perde, se uma mesma palavra pode significar infinitas coisas ou relações, perde-se a função de comunicação e a linguagem se torna autista (só que fala compreende) ou restrita a um pequeno grupo que compartilha os mesmo significados. Portanto, para entender as palavras, para atingir seu significado, é preciso recuperar sua historicidade, isto é, quais relações homem-natureza elas refletem. Sem esta concretude, as palavras não passam de abstrações (TULESKI, 2008, p. 103).

Dessa forma, permanece claro que os fatores fundamentais para a constituição do indivíduo social e a construção dos significados, baseiam-se na historicidade e na cultura, princípio este que funda a Psicologia Histórico-Cultural, a qual entende a constituição do homem como síntese de sua relação com o meio, ou seja, a partir do momento que o indivíduo modifica a natureza, produz a cultura e apreende esta, humanizando-se e, é por meio dessa relação que o homem eleva-se do ser animal e torna-se humanizado, assim como, através das relações sociais que o sujeito constrói a si e a sociedade (ENGELS, 1876).

Buscando construir uma psicologia que fosse coexistente com as transformações históricas requeria-se, então, excluir a determinação biológica e fazer o homem como ativo nessas

transformações (TULESKI, 2008). Considerando assim que, a nossa natureza e a nossa humanização são transformáveis, ou seja, o limite não é e nem está no biológico, mas sim no que a sociedade produz ou oferece, ou o que deixa de oferecer. Estamos em constante transformação ao longo da vida, pois modificamos a nós e ao meio através do trabalho e das relações sociais (LEONTIEV, 2004). Ou seja, tanto o homem quanto os animais possuem, naturalmente, uma constituição biológica, porém há uma diferença fundamental entre os dois, pois, como dito por Leontiev (2004, p. 211), a “nossa natureza é moldável”, assim, ele não fica limitado ao desenvolvimento biológico, isso porque possui capacidades psíquicas qualitativamente diferentes dos animais, ele pode modificar o ambiente em que vive e apropriar-se dele, e esse conteúdo apropriado é objetivado no psiquismo constituindo significados que permanecem no homem podendo ser superados/aperfeiçoados constituindo novos saberes e, em maior nível, as funções psicológicas superiores.

Esse processo só é possível por intermédio da linguagem, bem como, a interação social que permite a apropriação e humanização. Deste modo, com um psiquismo passível de modificações e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, é fato que a natureza humana não fica estagnada, pois com o contato humano através da mediação e da apropriação já ocorre modificações no homem elevando, assim, a constituição puramente biológica (LEONTIEV, 2004).

Outra diferença que cabe aqui ressaltar é referente à diferença entre a adaptação animal e a transformação social provocada pelo homem, pois, como explicado por Leontiev (2004), a adaptação animal refere-se a um processo de estímulo-resposta, no qual ele não se apropria do seu meio ou de uma cultura, mas sim age por instinto, como, por exemplo, ao utilizar de algum material para determinada função, ele usa-o apenas aquela vez, não se apropriando de tal material e sua função, não possibilitando, assim, criar um legado cultural ou transformar tal realidade. A relação do animal com o meio não é mediada, mas sim direta. A transformação social provocada pelo homem, por sua vez, possibilita o desenvolvimento do homem através da mediação e da apropriação, e o homem, por meio do trabalho, transforma a sociedade ao mesmo tempo que transforma a si mesmo, num proces-

so dialético, se apropriando da cultura e transformando-a. Por exemplo, ao utilizar de determinado instrumento para alguma função, o homem, então, pode se apropriar de tal, bem como pode transformá-lo para outra função, além de permitir que tal instrumento e função fiquem registrados em um legado cultural, passando para que outros também o utilizem (LEONTIEV, 2004).

Acerca do processo de apropriação e organização interna dos conteúdos culturais deve-se ressaltar que de início a criança é introduzida no meio social e reage a partir de seus reflexos, mas a partir da relação com os outros e com o meio começa a se apropriar de tal realidade e da cultura (LEONTIEV, 2004). Considerando que tal relação é sempre mediada, a criança vai se apropriando de tal cultura e desenvolvendo seu psiquismo ao generalizar e internalizar os significados que lhe são apresentados, do simples ao complexo, processo esse que está em constante transformação ao longo de sua vida. Num processo dialético, fazemos a generalização de tal realidade, que é quando fazemos a transposição dos vínculos da realidade objetiva (concreta) para a subjetividade. Vale aqui ressaltar que os significados não são estáticos, mas sim passam por vários níveis, primeiro pela nomeação, depois pelo registro até que se possa atingir o nível abstrato. O funcionamento cerebral, enquanto sistema, se dá a partir da aprendizagem e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que se desenvolve por meio da apropriação da cultura e das relações sociais. As funções psicológicas superiores, então, elevam-se dos processos apenas primitivos e biológicos, em um movimento de objetivação e apropriação que possibilitam a generalização, permitindo a “ampliação qualitativa da consciência”, uma “organização psíquica mais elaborada” formada por “elevadas forças humanas como: abstração, criatividade, percepção, emoção e imaginação” (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 26).

É a partir dessa apropriação do legado cultural que o homem, então, se humaniza, pois nos constituímos a partir dessa apropriação (LEONTIEV, 2004). “O movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com educação” (LEONTIEV, 2004, p. 291), uma vez que, sem esse processo de transmissão dos resultados construídos historicamente, bem como a cultura, seria impossível

a continuidade de um processo histórico. A humanidade, então, teria de recomeçar, a cultura, os instrumentos, a linguagem, e todo o resto até então construído, perderiam o seu significado (LEONTIEV, 2004).

Entendendo que o desenvolvimento do homem, das forças e das aptidões são produtos da evolução sócio-histórica, cabe aqui ressaltar que nem todos possuem acesso a estas aquisições, em consequência das “enormes diferenças e condições do modo de vida, da riqueza da atividade material e mental, do nível de desenvolvimento das formas e aptidões intelectuais” (LEONTIEV, 2004, p. 293). Sendo que, em suma, tais diferenças são geradas pela desigualdade econômica, diferenças de classes, e, então, conseqüentemente, as aquisições históricas acabam por separar-se, construindo a partir daí a “alienação econômica dos meios e produtos do trabalho em face dos produtores diretos”, que surge com a divisão do trabalho, da propriedade privada e da luta de classes, ou seja, “não dependem da consciência ou da vontade dos homens” (LEONTIEV, 2004, p. 294).

A divisão social do trabalho tem igualmente como consequência que a atividade material e intelectual, o prazer e o trabalho, a produção e o consumo se separem e pertença a homens diferentes. Assim, enquanto globalmente a atividade do homem se enriquece e se diversifica, a de cada indivíduo tomado à parte estreita-se e empobrece. Esta limitação, este empobrecimento podem torna-se extremos, sabemos-lo bem, quando um operário, gasta todas as suas forças para realizar uma operação que tem de repetir milhares de vezes [...] Como a maioria dominante possui não apenas os meios de produção material, mas também a maior parte dos meios de produção e de difusão da cultura intelectual e se esforça para os colocar a serviços os seus interesses, produz-se uma estratificação desta mesma cultura (LEONTIEV, 2004, p. 294).

As aquisições históricas da humanidade não são inatas do homem, e sim são adquiridas ao longo da vida em meio à sociedade, contudo, infelizmente, para a grande maioria das pessoas, o acúmulo dessas aquisições “só é possível dentro de limites miseráveis” (LEONTIEV, 2004, p. 301)

Os encaminhamentos metodológicos para o presente trabalho se deram de forma bibliográfica, tendo como principais referências os

autores Vygotski (2001), Leontiev (2004), Tuleski (2008), Superti (2013), e Barroco (2007), sendo elaborado através de discussões norteadas por suas contribuições na Psicologia Histórico-Cultural.

Diante dessa pesquisa e do objeto apresentado, dispomos como **objetivo geral**: investigar a arte enquanto um objeto cultural que possibilita a reflexão dos sentimentos, provocando saltos qualitativos na consciência, e como **objetivos específicos**: apreender a concepção de arte para a Psicologia Histórico-Cultural; explicar a visão de homem proposta pela teoria; clarificar os conceitos de sentimento e emoção de acordo com os princípios teóricos; compreender a arte como uma técnica social.

O assunto tratado no artigo se faz de grande importância, uma vez que, em se tratando da área acadêmica, não há muitas publicações acerca do tema, podendo assim contribuir para a Psicologia apropriar-se da arte como um instrumento potencializador, como uma técnica social capaz de, através da reflexão crítica, transformar sentimentos, bem como, socialmente, a possibilidade da própria humanização através da arte.

## REFLEXÕES SOBRE SENTIMENTO E EMOÇÃO À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Antes das conferências e elucidações de Vigotski, diversas teorias que buscaram compreender as emoções as concebiam como reações instintivas, comparando-as com as reações animais, e, os sentimentos, tendo somente o aparato biológico-animal como gênese. Além disso, a emoção compreendida como uma parte separada do psiquismo e apenas como condição orgânica limitava-se ao desenvolvimento desta (última), ou seja, conforme afirma William James, emoções “associadas aos órgãos internos, pouco ou nada variáveis no decorrer do desenvolvimento humano” impossibilitando, assim, a manifestação de outras emoções e o próprio desenvolvimento emocional (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 650).

Vigotski, porém, distancia-se dessas compreensões, uma vez que entende os sentimentos e emoções como funções psicológicas superiores, formadas e transformadas pelo meio social e pela historicidade; em distintas épocas históricas permeiam diferentes sentimentos e

emoções, estes diferenciam-se pois se modificam conforme o desenvolvimento da cultura, da educação e as condições objetivas das classes sociais existentes, alterando assim os significados sociais e sentidos pessoais dos sentimentos e emoções (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011). De acordo com Barroco (2007, p. 247):

Por Funções Psicológicas Superiores [...] entendem-se aquelas de origem social, que só passam a existir no indivíduo ante a relação mediada com o mundo externo (com as pessoas e com aquilo que eles criam: objetos, ferramentas, processos de criação e de execução) [...] funções que permitem uma conduta geneticamente mais complexa e superior a dos animais, posto que planejada, consciente e intencional.

Sendo assim, ao afirmar que sentimento e emoção são funções psicológicas superiores, estas são entendidas como dispositivos capazes de sistematizar, desenvolver e transformar processos mentais exclusivamente humanos, através da mediação que essas funções realizam com intencionalidade para alcançar determinados fins, de forma voluntária e não instintiva, que, objetiva promover, uma nova organização psicológica que amplie a consciência do indivíduo, no sentido de reconhecer a si e o mundo em constante relação. E, é neste processo que, a condição psíquica do homem se eleva da condição natural através das relações sociais, das apropriações de instrumentos constituídos de características humanas que estão cristalizados na sociedade, como a educação, arte e a cultura, alcançando, assim, uma condição psíquica social e histórica, sendo esta tipicamente humana e que possibilita o desenvolvimento acima da condição biológica, permitindo funções psicológicas superiores ainda mais desenvolvidas, uma vez que estas estão em constante transformação (SUPERTI, 2013).

A teoria de Vigotski, então, aborda as emoções e os sentimentos de modo entrelaçado com as outras funções psíquicas, e seguindo a base materialista e dialética, juntamente à sua teoria, o desenvolvimento não se dá separado da realidade material e social, e suscita, assim, mudanças tanto quantitativas como qualitativas (SILVA, 2011) no próprio psiquismo. Diante disso, se pode dizer que:

a emoção passa por transformações signifi-

cativas na transição da filogênese para a ontogênese e para o desenvolvimento histórico, o que era simplesmente consequência de reações fisiológicas, adquire características culturais e históricas que se expressam no comportamento do indivíduo e nas relações estabelecidas com o outro (LEITE; SILVA, TULESKI, 2013, p. 43).

A arte, como objeto cultural, pode provocar emoções contraditórias que quando superadas possibilitam um salto qualitativo na estrutura psicológica, sendo estas remodeladas em sentimentos, alterando, assim, a consciência (BARROCO; SUPERTI, 2014). A arte, então, objetiva os sentimentos e outras faculdades humanas.

Destaca-se que não há uma distinção rigorosa entre os termos sentimento e emoção nos escritos de Vigotski (2001), caracterizando muitas vezes os dois como sinônimos. O autor declara que, emoção é um ato de reflexo diante de estímulos mediados externamente no meio, os quais instigam diferentes comportamentos, caso contrário, se fossem atos desprovidos de emoção, a reação indiferentemente não afetará qualitativamente o comportamento (BARROCO; SUPERTI, 2014). Já o sentimento é uma função psicológica superior que se relaciona dialeticamente com as outras funções psíquicas (BARROCO; SUPERTI, 2014).

Ainda, para compreender a distinção dos conceitos de *emoção* e *sentimento*, Barroco & Superti nos dizem que:

[...] a primeira corresponde mais às necessidades orgânicas, ligadas às sensações, enquanto o sentimento corresponde às necessidades culturais e sociais lapidadas ao longo do processo histórico e do trabalho. No entanto, no homem, vivente em sociedade, nenhuma das funções psíquicas são puramente orgânicas e instintivas, por isso, mesmo as emoções guardam caráter cultural (2014, p. 27).

Compreende-se, então, que os fenômenos emocionais não se limitam apenas nas reações aos estímulos externos, uma vez que nossa estrutura psíquica contém sensações que também nos influenciam, ou seja, “todo sentimento possui além da manifestação externa, corpórea, uma expressão interna que se manifesta na seleção de pensamentos, imagens e impressões” (VIGOTSKI, 2001, p. 21), sendo



que estes impulsos emocionais externos e internos, quando apropriados pelo homem transformam-se de forma qualitativa em sentimentos.

Diante de tais fatores, cabe ressaltar que, como dito por Teplov, a arte é um importante meio para a constituição da personalidade humana, uma vez que esta impacta demasiadamente os processos psicológicos, como também, implica claramente na percepção e nos sentimentos (SILVA, 2011). De maneira mais sucinta, ainda de acordo com Teplov, pode-se concluir que a arte é um instrumento poderoso para o desenvolvimento dos sentimentos, pois proporciona experiências emocionais que além de trazer a tona os sentimentos já existentes no homem, possibilita que este entre em contato com outros sentimentos que até então desconhecia, sendo que esses sentimentos e emoções possibilitam que o homem desenvolva sua própria humanidade (SILVA, 2011).

Assim, entende-se que, em relação às funções psicológicas superiores, emoção e sentimento as duas tem raiz na história e sociedade humana, ou seja, tem como fundamento as relações sociais permeadas pela realidade histórica, contudo, concebendo-as como características psicológicas, emoção e sentimento possuem diferenças. No sentido de que, o indivíduo é afetado pela emoção por diferentes fontes, como a arte, por exemplo, e por outro lado, o sentimento é sentido de forma mais duradoura pelo homem e, devido a isso, pode compor inclusive sua personalidade, como também, se vivenciado através da arte, pode o mesmo ser transformado e impactar todo o psiquismo (SUPERTI, 2013).

### **A ARTE ENQUANTO TÉCNICA SOCIAL DE HUMANIZAÇÃO: OBJETO CULTURAL MEDIADOR PARA O DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES (SENTIMENTO E EMOÇÃO)**

Vigotski (2001) nos traz a necessidade de se investigar a correlação entre psicologia e arte, uma vez que a arte possui um caráter social e é uma criação tipicamente humana, assim, trata-se de algo unicamente humano que expressa “concepções, valores e opiniões de determinada classe social”, e que requer, então, a atenção da psicologia, a qual busque descobrir os processos psicológicos que se fazem necessários nes-

te *ato criativo* e na *resposta estética* (SUPERTI, 2013, p. 24). Sendo assim:

a produção artística, como toda produção humana, apreende as relações sociais, por meio dos materiais e técnicas empregadas, pela temática, forma e estilo. Não constitui, então, uma reprodução perfeita da realidade, mas uma criação a partir dela, na qual se objetiva características humanas. Entendemos que a exposição de conteúdos a respeito da história permite deixar mais claro em que chão os autores pisaram e quais rumos vislumbram para o homem e a sociedade (SUPERTI, 2013, p. 24).

Dessa forma, é possível compreender a arte como um dos alicerces para a objetivação das funções psicológicas superiores, uma vez que essas funções precisam ser mediadas, e para isso se pode utilizar da arte como instrumento que estrutura a síntese psicológica. A arte opera em um campo do psiquismo humano responsável pelos sentimentos (VIGOTSKI, 2001), assim, a arte constituída representa as apropriações já feitas pelo homem, envolvendo sentimentos e emoções, e não apenas relacionadas ao artista ou a quem dela se apropria (SUPERTI, 2013). Podemos dizer, então, que a admiração da arte possui ligação com a *interpretação psicológica* que dela realizamos (SUPERTI, 2013), assim, “a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser” (VIGOTSKI, 2001, p. 315).

Concebendo a arte como uma técnica social, por mais que a interpretação ocorra de forma individual, todo o processo é construído em essência pelo coletivo, ou seja, *a arte é o social em nós*, assim, o social não se trata apenas da pluralidade de pessoas, pois pode existir em um único homem em relação com suas emoções pessoais (VIGOTSKI, 2001).

No movimento em que a arte se processa no homem decorre-se a catarse, essa podendo ser entendida como a transformação de emoções, não em simples contágio destas, mas em sua superação, que antes estando fora do indivíduo são apropriados. Sendo, então, a catarse um choque entre a vivência emocional e sentimental expressados pela obra com a emoção e sentimentos do próprio indivíduo. A catarse promove, através da vivência indireta e incomum, a

superação e transformação do sentimento individual. Ou seja, por meio de um sentimento indireto e incomum, a arte pode tocar e transformar os sentimentos e emoções habituais, cotidianos do indivíduo (SUPERTI, 2013).

Posteriormente, podem ser concretizados novamente no meio social constituindo objetos externos. Ou seja, é a partir dos sentimentos e emoções despertados pela arte, acumulados no indivíduo, juntamente com a superação destes, que a síntese pode efetivar-se, esta última sendo a criação de novos instrumentos sociais mantendo algumas das características antigas, desta forma, “a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material” (VIGOTSKI, 2001, p. 308).

A obra de arte, então, como dito por Vigotski (2001), pode ser compreendida como a objetivação dos sentimentos, um processo criado pelos homens que possibilita a socialização de um sentimento ao mesmo tempo em que este se torna pessoal (SUPERTI, 2013). Em tais obras de arte também se faz a utilização de signos, que compõem uma estrutura, que visa desencadear emoções estéticas, fatores que demonstram que a arte apresenta e opera por meio de conteúdos e processos psicológicos, esses que, em relação objetivam potenciais humanos como criatividade e imaginação (SUPERTI, 2013). A arte provoca, então, novas generalizações nos indivíduos que compreendem “a síntese entre forma e conteúdo expressada na obra, generalização que atinge, sobretudo, os sentimentos, considerando o homem como unidade” (SUPERTI, 2013, p. 92).

Buscando compreender tanto a estrutura quanto a intencionalidade de uma obra de arte, Vigotski (1999) nos aponta o método para a análise psicológica da obra de arte. A estrutura e a intencionalidade se apresentam na síntese de sua forma e de seu conteúdo, sendo que é esta síntese que “deve ser apropriada pelos sujeitos para que neles ocorra a reprodução do que a humanidade produziu e fixou em determinada obra” (SUPERTI, 2013, p. 19). Dessa forma, a análise de uma obra de arte deve iniciar de sua forma, elementos e contornos de sua estrutura, considerando ainda que tais formas não são livres de quem as desenhou, mas são determinadas socialmente por leis que foram criadas pela vida em sociedade (SUPERTI; CRUZ; BARROCO, 2011).

O método da análise psicológica da arte

busca decifrar, através da estrutura da obra, os sentimentos e emoções que a mesma suscita, como também as funções psicológicas que são fomentadas por ela e os impactos destes para o psiquismo de quem se apropria da obra de arte; “esta análise vai revelar características humanas que a obra encarna, tornando-as sociais e pessoal ao mesmo tempo” (SUPERTI, 2013, p. 77-78), podendo ser, então, uma criação individual, mas somente sendo possível com o aparato social, como também, ser uma interpretação pessoal de uma obra construída socialmente.

A análise da obra de arte deve superar sua estrutura material, refletindo sobre sua intencionalidade e o impacto que o conjunto de signos e significados provocará para alcançar a síntese psicológica. Ou seja, os sentimentos e as emoções suscitados pela obra ao serem apropriados, desencadeiam transformações para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, e um salto qualitativo para a consciência (SUPERTI, 2013).

Para que ocorra essa transformação é preciso que haja o processo de generalização, a sistematização dos conteúdos da consciência, sendo que esta se dá por meio da relação com as funções psicológicas superiores. O indivíduo em relação com o mundo, através do processo de generalização, amplia sua visão sobre este mundo e suas relações, de modo a apropriar-se destes a nível mais complexo, assim, “a generalização expressa uma característica fundamental do pensamento humano: a capacidade de poder apreender o real e, justamente por retirar dele suas leis gerais, de intervir sobre ele, aplicando-as intencional e conscientemente” (VIGOTSKI<sup>3</sup>, 2004; 2009 apud SUPERTI, 2013, p. 91).

A obra de arte, sendo uma realidade material, necessita, para ser apropriada, do exercício do psiquismo e a própria humanização dos sentidos. Isso porque, como uma síntese de vários elementos só pode ser entendida através da apreensão de forma dialética, unindo os aparatos psíquicos com os vieses sentimento e emoção. Entende-se, assim, que é neste processo de relação entre o indivíduo e a obra de arte que o mesmo pode evoluir em seu desenvolvimento, pois ativa todas as funções citadas anteriormente, deste modo, a arte é concebida

<sup>3</sup>VIGOTSKI, L. S. Teoria e Método em Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

como instrumento de humanização do homem, devido às transformações qualitativas que provoca no psiquismo humano (SUPERTI, 2013).

Diante disso, a arte é *um objeto cultural mediador* entre o sujeito e a vida humana e sua historicidade, e é por meio desta relação e da apropriação desse legado cultural que ocorre a transformação das funções elementares em funções psicológicas superiores. A arte, então, como reprodução do legado cultural, possibilita a humanização e a promoção do desenvolvimento psíquico e da consciência. Contudo, esse processo, fundamentalmente, precisa ser mediado por meio das relações, “como aponta-nos Vigotski (2001), a apropriação da arte necessita de mediação para que se apreenda a relação dialética entre forma e conteúdo que a obra apresenta, relação que objetiva características tipicamente humanas” (SUPERTI, 2013, p.14).

Dessa forma, considerando os processos de humanização e desenvolvimento psíquico utilizando-se da arte, a psicologia é uma potência mediadora deste movimento, no qual a mesma pode promover reflexões acerca da constituição psíquica intrinsecamente com as funções psicológicas superiores, de modo conscientizador diferenciando de um processo alienador, levantando as relações que estão envolvidas nestes processos (SUPERTI, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, então, por meio da Psicologia Histórico-Cultural, pautada pelo método do materialismo histórico dialético, que o homem é constituído por meio das relações sociais e da transformação que este faz na natureza, ao mesmo tempo em que se transforma, o impacto dessa relação dialética no psiquismo humano é radical, uma vez que resulta no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, estando estas acima das funções primitivas, pois são voluntárias, mediadas e sociais, provocando, assim, a transformação qualitativa da consciência, elevando o homem da condição instintiva animal e mecanicista. Surge, então, o homem social, constituído pelas apropriações e objetivações que faz da realidade em que vive, em um processo de humanização, ou seja, na relação com o outro e com a sociedade, internalizando aspectos sociais e a própria cultura, dando sentidos pessoais à estes significados sociais, possibilitando o desenvolvimento de uma constituição

única, isto é, da subjetividade.

Entendendo, então, como funções psicológicas superiores aquelas que se elevam das funções elementares, que são formadas e transformadas pelo meio social e pela historicidade, e que possibilitam ao homem atingir níveis mais complexos em suas funções psíquicas e comportamentais, uma vez que estas serão programadas, voluntárias e consciente. De acordo com Vigotski, podemos considerar como funções psicológicas superiores a atenção, a memória, a percepção, a linguagem, o pensamento, a criatividade, o sentimento e a emoção; e a síntese destas é o desenvolvimento da consciência. Vigotski aborda as emoções e os sentimentos de modo entrelaçado com as outras funções psíquicas, sendo que o seu desenvolvimento não se dá separado da realidade material e social, causando, assim, mudanças tanto quantitativas como qualitativas no próprio psiquismo.

Construído socialmente, e tendo sua constituição subjetiva em cada indivíduo, o sentimento é uma função psicológica superior atrelada às demais e intimamente ligado com a emoção, sendo que está não é simplesmente biológica como nos animais, uma vez que em uma relação com o meio social adquire aspectos culturais. É a partir da apropriação dessas cargas emocionais em conjunto com as apropriações culturais que o homem pode objetiva-las em sentimento, e as impressões que temos do meio com os significados acumulados determinarão o processo de constituição dos sentimentos, sendo sociais e interpretados subjetivamente pelos indivíduos.

Considerando a arte como uma produção artística humana, que abrange as relações sociais, a cultura e a historicidade de uma sociedade, que objetiva as características humanas e apreende a relação dialética entre forma e conteúdo; é um instrumento que possibilita a objetivação das funções psíquicas superiores, pois pode servir como mediador para estruturar a síntese psicológica, além de entrar em contato com os sentimentos, uma vez que a arte opera no campo do psiquismo humano responsável pelos sentimentos. Desta forma, considera-se a arte como um instrumento que, ao colocar os sentimentos em um movimento de desenvolvimento e transformação, objetiva ao ciclo da vida a essência mais profunda do ser, agrega a ela sentimentos e emoções que germinam humanidade.

A arte, como um objeto cultural mediador, permite o contato com experiências, sentimentos e emoções incomuns até então, nos quais se entra em contato com aspectos emocionais distintos que promovem o desenvolvimento de outras funções no psiquismo, nesta vivência o indivíduo, ao apropriar-se da obra, está se apropriando também da objetivação realizada por outro sujeito, sendo possível sentir o que foi objetivado na produção artística. Esse processo de catarse permite, além de superar os sentimentos já existentes no psiquismo, instigar o ato criador e até mesmo a humanização através da arte; o homem ao realizar a síntese deste processo citado apropria-se de produções humanas que o desenvolvem como ser social.

Assim, a arte pode possibilitar reflexões acerca da constituição psíquica intrinsecamente com as funções psicológicas superiores, de modo conscientizador, diferenciando de um processo alienador, levantando as relações que estão envolvidas nestes processos e como as mesmas impactam na construção do homem. É possível por meio da arte objetivar o que está subjetivo no homem, seus pensamentos e sensações, esses ficando materializados na realidade concreta, permitindo que organize, reflita e se conscientize acerca da essência destes processos, como são constituídos e como são apropriados na relação dialética entre homem e sociedade.

Contudo, é preciso mediação para que haja a apropriação de uma obra artística, pois tal apropriação não se dá instantaneamente, necessita de relações sociais que possibilitem transferir o significado da obra para quem a vivencia, “no sentido deste recriar em si o que foi superado na criação da obra. O processo de catar-se implica em colocar em contradição o que já estava apropriado pelo sujeito com a nova vivência suscitada pela arte, este choque poderia resultar em transformação psíquica” (SUPERTI, 2017).

Outro ponto a destacar é que a arte, como produção humana e perpetuada na sociedade, se torna um objeto voltado para o lucro e carrega o objetivo desmedido de manter o controle/alienação da população em se tratando de um sistema capitalista e, para tal, acaba por limitar o acesso da sociedade e restringe, assim, a potência de reflexão e desenvolvimento que as diversas formas de arte podem suscitar no homem (SUPERTI, CRUZ; BARROCO, 2011).

Conclui-se, então, que a arte, como um objeto cultural mediador, é de grande eficácia para o desenvolvimento psíquico do homem, pois é a objetivação e a mediação entre o homem, a sociedade e a historicidade desta, sendo, assim, indispensável para a transformação do psiquismo e da constituição/desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Contudo, quando carregada de um valor de mercadoria em um sistema capitalista, visando ao lucro e acúmulo de poder, perde significativamente o seu potencial transformador, impossibilitando a reflexão, a conscientização e a própria humanização que se é possível ao entrar em contato com a arte, num processo mediado e de aprendizagem (SUPERTI, CRUZ; BARROCO, 2011), enfatizando que é através desta relação dialética que o homem constitui sua humanidade, apropria-se da potência de transformação da arte e modifica a si e sua realidade.

## REFERÊNCIAS

BARROCO, S. M. S. **Psicologia educacional e arte: uma leitura histórico-cultural da figura humana**. Maringá: Eduem, 2007.

BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. **Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano**. Belo Horizonte: Psicologia & Sociedade, 26(1), 22-31, 2014.

COLE, M.; SCRIBNER, S. Introdução. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ENGELS, F. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. 1. ed. Neue Zeit: Marxists Internet Archive, 2004.

GOMIDE, D. C. **O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais**. Disponível em: < [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/artigo\\_simposio\\_2\\_45\\_dcgomide@gmail.com.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/artigo_simposio_2_45_dcgomide@gmail.com.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2017.

KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LEITE, H. A.; SILVA, R.; TULESKI, S. C. **A emoção como função superior**. Disponível em:

<<http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/viewFile/570/534>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. **Teoria das emoções em Vigotski**. *Psicologia em Estudo*, e Maringá, v. 16, n. 4, p. 647-657, out./dez. 2011.

PAULO NETTO, P. **Introdução aos estudos do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SILVA, R. **A biologização das emoções e a medicalização da vida: contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da sociedade contemporânea**. 2011. 279 f. Tese (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

SUPERTI, T. **Vigotski e a psicologia da arte: contribuições para as políticas públicas**. Salvador: CONPE, 2017.

SUPERTI, T. **VYGOTSKI, MACHADO DE ASSIS E A PSICOLOGIA DA ARTE: do objeto, do método e das contribuições para a humanização do homem**. 2013. 221 f. Tese (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

SUPERTI, T.; CRUZ, M. G.; BARROCO, S. M. S. **Psicologia da arte: pressupostos teóricos metodológicos**. Salvador: CONPE, 2011. Disponível em: <<http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/192.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

TULESKI, S. C. **Vygotski: A construção de uma Psicologia Marxista**. Maringá: Eduem, 2008.

VIGOTSKI, L. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## **EL ARTE COMO TÉCNICA SOCIAL PARA HUMANIZACIÓN: OBJETO CULTURAL MEDIADOR PARA EL DESARROLLO Y TRANSFORMACIÓN DE LAS FUNCIONES PSÍQUICAS SUPERIORES (SENTIMIENTO Y EMOCIÓN)**

**RESUMEN:** La presente encuesta resulta de investigación bibliográfica y tiene como foco la utilización del arte como una técnica social como presentado por L. S. Vigotski en *Psicología da Arte* (2001), pudiendo esta ser un objeto cultural mediador para la reflexión de los sentimientos, el desarrollo psíquico y la propia humanización por medio del arte, considerando la comprensión del hombre de la *Psicología Histórico-Cultural*. Se concluye que, comprendiendo el arte como una producción artística humana, que abarca las relaciones sociales, la cultura y la historicidad de una sociedad, que objetiva las características humanas y aprehende la relación dialéctica entre forma y contenido, el arte es un instrumento que posibilita la objetivación de las funciones psicológicas superiores, y sirve como un mediador para desarrollar el psiquismo además de tener poderío para entrar en contacto directamente con las emociones y los sentimientos.

**PALABRAS CLAVE:** Arte; Funciones psicológicas superiores; Psicología del arte; Psicología histórico-cultural; Sentimientos; Técnica social; Vigotski.